

O CARÁTER CRONOTÓPICO EM *GRANDE SERTÃO: VEREDAS*

Afonso Cardoso Ligório¹

O trabalho tem como objetivo demonstrar a representação do caráter cronotópico, e sua relação com o herói, na perspectiva do romance de formação, na obra *Grande sertão: veredas*² de Guimarães Rosa. Cronotopo significa, na concepção bakhtiniana, a fusão do tempo com o espaço num momento indissociável da história real humana, que pode ser representada no nível das imagens e do enredo romanesco (Bakhtin, 1999, p.270). O crítico russo desenvolve o conceito de espaço-temporalidade e a imagem do herói no romance, no estudo que faz sobre as cinco fases do romance de formação, que representa o homem em devir, conforme o grau de assimilação do tempo histórico.

O primeiro tipo de organização temporal é cíclico, pois o tempo no romance se presta a uma representação da vida humana, da infância à maturidade, associada às modificações internas do caráter que se realizam no homem. O segundo tipo de temporalidade cíclica baseia-se numa representação que assimila o mundo à vida real pela *experiência* da sobriedade e de certa resignação pela qual o herói deve passar. Em terceiro lugar, é o tempo biográfico que se abre para a formação do homem, ou seja, a transformação atravessa algumas fases da vida, como resultado de acontecimentos que modificam e constroem o destino e o caráter do indivíduo. Nesse caso, a “elaboração da vida-destino se confunde com a formação do próprio homem” (Bakhtin, 1992, p.239).

Estruturado como a organização temporal biográfica, é o romance de formação didático-pedagógico, diferindo-se daquele pela formação associada à interferência de instituições

¹ Centro Universitário Adventista de São Paulo – UNASP – Campus 2

² A obra ROSA, G. *Grande sertão: veredas*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1958, nas referências, será indicada por GSV com o número da página.

educacionais na vida do homem. A transformação ocorre numa fase determinada da vida, por meio de um processo pedagógico da educação no sentido restrito do termo. Finalmente, o caráter cronotópico estrutura o romance de formação realista – o quinto tipo – em que a evolução do homem realiza-se no tempo histórico real. Sua modificação é indissociável do momento da modificação histórica da terra natal. O homem se transforma concomitantemente à formação de uma nova época e não contra um pano de fundo espaço-temporal imóvel, já concluído e estável. Nesse caso, observa-se o seguinte:

O homem se forma *ao mesmo tempo que* o mundo, reflete em si mesmo a formação histórica do mundo. O homem já não se situa no interior de uma época, mas na fronteira de duas épocas, no ponto de passagem de uma época para outra. Essa passagem efetua-se nele e através dele. Ele é obrigado a tornar-se um novo tipo de homem, ainda inédito. É precisamente a formação do novo homem que está em questão. (Bakhtin, 1992, p.240, grifos do autor)

O caráter cronotópico é justamente esse amálgama do tempo (“formação histórica”) com o espaço (“mundo”) que se modifica e sinaliza um futuro transformado. Assim, o tempo, o espaço e o homem se desenvolvem, evoluem e se transformam simultaneamente. O caráter cronotópico, associado à vida do herói que se (trans)forma, encontra, no romance de formação realista, sua representação de modo sensível.

No romance *Grande sertão: veredas*, percebe-se que o herói evolui da fase cíclica até a fase realista em que o caráter cronotópico se manifesta. Riobaldo tem origem humílima e paternidade obscura. Com a morte da mãe Bigrí, herda uma herança tão miserável e pequena que comporta num saco. Socorrido pelo fazendeiro – o padrinho-pai – Selorico Mendes, que financia seus estudos, recebe escolaridade em Curralinho com o mestre Lucas que lhe fornece um bom currículo: gramática, matemática, geografia e história ^(GSV:70).

Depois dessa formação escolar, sabendo que Selorico é seu pai, foge da recente casa paterna, caindo numa situação em que passa a assimilar o mundo e a vida por meio da precaução e da resignação. E elas se manifestam nesse momento decisivo de sua vida: a namorada Rosa'uarda com quem, no tempo de estudante, aprende “as primeiras bandalheiras” (GSV:89), abandona-o; a ex-namorada Miosótis não o recebe também; os conhecidos Assis Wababa e Emílio Wusp negam-lhe um pedido de trabalho – “me olharam a menos, com desconfianças, me senti rebaixado demais” (GSV:120). Riobaldo torna-se a imagem do homem que vivencia adversidades: “A contra mim tudo contra, o só ensejo das coisas me sisava” (GSV:120). O ex-professor encaminha-o, em última instância, à jagunçagem, interferindo, assim, em seu destino.

Na vida jagunça, Riobaldo participa dos principais bandos em atividade até ele mesmo se tornar líder jagunço. Nessa fase da vida, aprende o jogo político com Zé Bebelô, a importância da natureza com Reinaldo-Diadorim, o valor do pacto com Hermógenes, o altruísmo com Medeiros Vaz, a justiça com Joca Ramiro; o questionamento com Quelemém, e o valor da família com Octacília, com quem está casado no momento da enunciação do romance.

De fato, o romance apresenta os verbos “ensinar” e “aprender” sempre que focaliza o relacionamento do protagonista com as personagens citadas. Assim, sua formação é representada por todas as fases da vida, do tempo cíclico à estruturação do tempo biográfico. Algumas dessas fases são assinaladas pelas alterações no seu nome: Riobaldo, Tatarana, Ururtú-Branco e Riobaldo, novamente, fechando o ciclo. Cada uma das situações que o protagonista atravessa provoca-lhe modificações que vão, de certo modo, construindo seu destino e caráter.

Quanto ao caráter cronotópico, percebe-se que a formação (transformação) de Riobaldo acontece no mesmo instante em que o *tempo histórico* e o espaço estão passando por profundas modificações. À medida que Riobaldo vivencia experiências jagunças, o sertão (Leonel e Nascimento, 1999, p.91), enquanto espaço físico presente no romance, sofre mudanças. Enquanto

ele narra, o sertão do momento do Riobaldo-personagem já não há. Na narração, Riobaldo encontra-se no novo tempo e no cenário modificado. Ele descreve simultaneamente o espaço e o tempo de outrora a seu visitante: “Antes conto as coisas que formaram passado para mim com mais pertença. Vou lhe falar. Lhe falo do sertão”^(GSV:96). O verbo “formar” é significativo nesse contexto.

As imagens ou a representação romanesca do espaço e do tempo histórico de *Grande sertão: veredas* podem ser consideradas em trechos do romance que indicam os seguintes elementos: a data como “Mas, mire e veja o senhor: nas eras de 96, quando os serranos cismaram e avançaram, tomaram conta de São Francisco, sem prazo nem pena”^(GSV:159); o nome de personalidades históricas como “Os revoltosos depois passaram por aqui, soldados de Prestes, vinham de Goiás, reclamavam posse”^(GSV:95); o sistema político em implantação como “Ao que Zé Bebelo elogiou a lei, deu viva ao governo, para perto futuro prometeu muita coisa republicana”^(GSV:95); o fato histórico da jagunçagem como “Mas vieram as guerras e os desmandos de jagunços – tudo era morte (...) foi impossível qualquer sossego, desde em quando aquele imundo de loucura subiu as serras e se esprou nos gerais”^(GSV:95); e, finalmente, a localização geográfica como “A guerra foi grande, durou tempo que durou, encheu este sertão. Nela todo o mundo vai falar, pelo Norte dos Nortes, em Minas e na Bahia toda, constantes anos, relatando as tantas façanhas”^(GSV:260).

Assim, o romance volta-se para a representação do Brasil, na fase histórica que compreende os primeiros anos da República – uma época de mudanças quando o país lutava para consolidar esse novo tempo inaugurado em 1889. Não bastava a proclamação e a constituição republicanas para se garantir um novo sistema dentro de uma nova época no país. A consolidação dos ideais da nova ordem teria de ser confirmada pelas bases sociais.

Nesse momento histórico em que o país está no ponto de passagem de uma época monárquica para outra, republicana, o herói romanesco Riobaldo é obrigado a tornar-se um novo tipo de homem, ainda inédito, livre da visão de mundo embasado nas condições da monarquia – sistema herdado do antigo mundo, a metrópole. Essa passagem-travessia efetua-se tanto em Riobaldo como através dele. Esse aspecto é de capital importância na formação do herói, como ressalta Bakhtin (1992, p.240, grifos do autor):

A força organizadora do futuro desempenha portanto um importante papel, na mesma medida em que o futuro não é relativo à biografia privada, mas concernente ao futuro histórico. São justamente os *fundamentos* da vida que estão mudando e compete ao homem mudar com eles. (...) A imagem do homem em devir perde seu caráter privado (até certo ponto, claro) e desemboca numa esfera totalmente diferente, na esfera espaçosa da existência histórica.

A travessia que Riobaldo empreende no romance é uma representação simbólica da passagem que o país faz naquele momento em mudança. São os fundamentos da visão de mundo do sertão que estão em mudança e compete a Riobaldo mudar com eles. O romance mergulha, pela sua sensibilidade estética, na fronteira do velho e do novo mundo, na passagem, logo na travessia. Riobaldo, por sua vez, enquanto narrador, situa-se na posição da nova ordem social do sertão, depois da travessia.

Na posição de personagem, Riobaldo desconfia, de certo modo, de que a ordem que configura o futuro porá fim à prática da jagunçagem: “Também eu queria que tudo tivesse logo um razoável fim, em tanto para eu então poder largar a jagunçagem” (GSV:540). Essa frágil consciência está presente em líderes jagunços: “O que o Hermógenes queria me prometer era que em breve iam estar acabados aqueles riscos de trabalho...” (GSV:219). E Zé Bebelo, ainda que fanfarrão, anuncia o fim daquele período: “Deixa, que, daqui a uns meses, neste nosso Norte não

se vai ver mais um qualquer chefe encomendar para as eleições as turmas de sacripantes, desentrandando da justiça, só para tudo destruírem, do civilizado e legal!” (GSV:125).

O herói, nesse caso, é uma *unidade dinâmica* (Bakhtin, 1992, p.237), pois é obrigado a mover-se num espaço e tempo móveis, em formação. O espaço, misturado ao tempo, passa por mudanças e adquire nova formação. O cenário é móvel no instante em que o *tempo histórico* se processa. Em consequência, a nova ordem determina uma nova geografia do sertão. O leitor percebe isso claramente posicionado, como o narrador, no outro lado da travessia histórica, pois vê que se ampliam lugares, criam-se municípios, novos nomes para os velhos lugarejos, vilas e cidades.

Perto de lá tem vila grande – que se chamou *Alegres* – o senhor vá ver. Hoje, mudou de nome, mudaram. (...). *São Romão* todo não se chamou de primeiro *Vila Risonha*? O *Cedro* e o *Bagre* não perderam o ser? O *Tabuleiro Grande*? Como é que podem remover uns nomes assim? O senhor concorda? Nome de lugar onde alguém já nasceu, devia de estar sagrado. (GSV:42)

Na verdade, o caráter cronotópico representado no romance, determina alterações nas relações, nos costumes, na vida cultural: os costumes estão mudados, os bandos extintos, os vaqueiros sentem-se fora de moda, os jagunços não só não saqueiam, como mendigam, até o gado reage mais educadamente (GSV:26).

O espaço, antes da mudança, permanece apenas na mente de Riobaldo: “Me lembro do espaço, pensamento meu em minha cabeça. O riacho cão, lambendo o que viesse. O coqueiro se mesmando. A fantasia, minha agora, nesta conversa – o senhor me atalhe.” (GSV:234)

A dificuldade de Riobaldo narrar – “minha boca não tem ordem nenhuma. Estou contando fora, coisas divagadas” (GSV:19) – pode estar relacionada também à vivência do protagonista no momento em que o tempo e o espaço estão em formação. É quase impossível deter-se em um

ponto único. Ambos estão com seus contornos em redefinição, em processo de constituição assim como o próprio herói-narrador. É primorosa a seguinte fala do narrador:

Para que referir tudo no narrar, por menos e menor? (...) Mesmo o que estou contando, depois é que eu pude reunir lembrado e verdadeiramente entendido – porque, enquanto coisa assim se ata, a gente sente mais é o que o corpo a próprio é: coração bem batendo. Do que o que: o real roda e põe diante. – “Essas são as horas da gente. As outras, de todo tempo são as horas de todos.” (GSV:133)

Enquanto está na travessia, no processo de transformação dos *fundamentos* de um *tempo histórico*, “enquanto coisa assim se ata”, Riobaldo sente-se incapaz de apreender esse tempo “no narrar, por menos e menor”. O que ele consegue, em tal circunstância é sentir “mais é o que o próprio corpo é: coração batendo”. A apreensão do real, em determinado momento, acontece mais tarde: “depois é que eu pude reunir lembrado e verdadeiramente entendido”.

Complicadores como as astúcias dos fatos no momento do evento, o entrecruzamento de pessoas, coisas e tempos, podem também estar na base de interferências na narração:

Ah, mas falo falso. O senhor sente? Desmente? Eu desminto. Contar é muito, muito dificultoso. *Não pelos anos que se já passaram*. Mas pela astúcia que têm certas coisas passadas – de fazer balancê, de se remexerem dos lugares. (...). São tantas horas de pessoas, tantas coisas em tantos tempos, tudo miúdo recruzado. (GSV:175, grifos nossos)

A parte grifada é importante. Se a barreira no ato narrativo fosse a distância temporal, então o romance não representaria o caráter cronotópico. O tempo passado deve ser ativo, conforme Bakhtin (1992, p.252, grifos do autor), por meio de “*vínculos necessários* que ligam o passado ao presente vivo” [para] “*continuidade da evolução histórica*.” Em *Grande sertão: veredas*, o tempo passado não é estático.

Muitos anos adiante, um roceiro vai lavrar um pau, encontra balas cravadas. O que vale, são outras coisas. A lembrança da vida da gente se guarda em trechos diversos, cada um com seu signo e sentimento, uns com os outros acho que nem não misturam. (...). De cada

vivimento que eu real tive, de alegria forte ou pesar, cada vez daquela hoje vejo que eu era como se fosse diferente pessoa. Sucedido desgovernado. (...). Tem horas antigas que ficaram muito mais perto da gente do que outras, de recente data. O senhor mesmo sabe. (GSV:95)

O tempo passado está constantemente operante, por meio de elementos que criam vínculos com o presente. As “balas cravadas” denunciam o tempo passado que não morreu. Assim, as “horas antigas” não são remotas, mas próximas do homem (trans)formado no presente. Nessa perspectiva o tempo e o espaço estão unificados na viva memória de Riobaldo: “Os dias que são passados vão indo em fila para o sertão. Voltam como os cavalos.” (GSV:294). Na verdade, a mobilidade é condição de leitura do tempo e do espaço em Bakhtin (1992, p.252).

Riobaldo também o concebe do mesmo modo: “Tudo o que já foi, é o começo do que vai vir, toda a hora a gente está num cômputo. Eu penso é assim, na paridade. (...) Viver é muito perigoso; e não é não” (GSV:295). Em outro trecho, ele reafirma: “Comigo as coisas não têm hoje e ant’ôntem amanhã: é sempre” (GSV:134).

Assim, é a formação do novo homem coletivo, e não de uma pessoa, que está em questão. “A imagem do homem em devir perde seu caráter privado (até certo ponto, claro) e desemboca numa esfera totalmente diferente, na esfera espaçosa da existência histórica” (Bakhtin, 1992, p.240). É nesse momento de mudanças que ocorre a formação, representada, no romance, pela travessia:

Mas foi nesse lugar, no tempo dito, que meus destinos foram fechados. (...). Travessia de minha vida. (...). Agora, o mundo quer ficar sertão. (...) Acho que nem coisas assim não acontecem mais. Se um dia acontecer, o mundo se acaba.” (GSV:274).

Essa fala do narrador é importante, porque afirma no “agora” a consciência de sua travessia-formação, num “lugar, no tempo dito”, num instante histórico singular. As mudanças pela quais passa Riobaldo têm importância para o tempo e o espaço, pois lhe impregnam a vida.

A sensibilidade estética de Guimarães Rosa para apreender a realidade cronotópica possibilita uma leitura da realidade nacional no momento da implantação da República.

Finalmente, o romance em estudo proporciona uma imagem de conjunto do Brasil pela perspectiva de uma época pelo grau de penetração cronotópica. Em outras palavras, o caráter cronotópico está associado à influência decisiva do Estado na formação do homem (Maas, 2000, p.33) para a nova geografia social que se estabelece. É um amadurecimento do romance modernista do Brasil.

Bibliografia

BAKHTIN, M. O romance de formação na história do realismo. In:____. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

LEONEL, M. C. de M e NASCIMENTO, E. M. F. S. O sertão de João Guimarães Rosa. In: SEGATTO, J. A. e BALDAN, U. *Sociedade e literatura no Brasil*. São Paulo: Editora UNESP, 1999.

MAAS, W. P. M. D. *O cânone mínimo: o Bildungsroman na história da literatura*. São Paulo: Editora da UNESP, 2000.

ROSA, G. *Grande sertão: veredas*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1958.